



Jornal Notícias

07-12-2014

Periodicidade: Diário
Classe: Informação Geral
Âmbito: Nacional
Tiragem: 110603

Temática: Justiça
Dimensão: 3531
Imagem: S/Cor
Página (s): 1/2/4/5

ANGELINA CONTA COMO SOBREVIVEU A BALTAZAR, QUE MATOU SOGRA E TIA, E FERIU A FILHA
 //P2A5

“A justiça não tem leis para homens como o ‘Palito’”

Angelina Félix vive com medo do dia em que o ex-marido saia da cadeia

Violência em casa já matou 40 mulheres

Há mais vítimas mortais do que em 2013 e aumentaram queixas por maus-tratos
515 agressores estão na cadeia mas associações querem penas mais pesadas

RUI MANUEL FERREIRA / GLOBAL IMAGES

Mais mortes mais queixas e violência está a aumentar

● **Até** ao fim de novembro já havia mais mulheres mortas do que as 37 que faleceram no total do ano passado ● **Associações** pedem mão pesada para os agressores em vez de obrigar vítimas a sair de casa

Gina Pereira
gina@jn.pt

Só esta semana duas mulheres morreram às mãos dos companheiros, totalizando 40 este ano, pelas contas do JN. Associações pedem penas mais duras para os agressores em vez de tirar vítimas de casa

O número de mulheres mortas em contexto de violência de intimidade voltou a aumentar este ano. Os números do relatório anual do Observatório das Mulheres Assassinadas vão ser apresentados terça-feira e, embora sem querer divulgar antecipadamente o número total, Elisabete Brasil confirmou ontem, no JN, que em novembro já ultrapassava as 37 que o observatório da UMAR-União de Mulheres Alternativa e Resposta contabilizou como total do ano passado. As contas do JN apontam para 40 vítimas mortais até agora.

Há mais mortes e também mais queixas. Dados revelados recentemente mostram que, no primeiro semestre do ano, as forças de segurança receberam 13071 queixas de violência doméstica, mais 291 (+2,3%) do que em igual período do ano passado, depois de em 2013 se ter registado um aumento de 2,4% (num total de 27318 denúncias, sendo 81,4% das vítimas do sexo feminino).

Os distritos com mais queixas são Lisboa (2875), Porto (2544) e Setúbal (1133), mas é

na Guarda e em Viseu que se registou um maior aumento de participações (34,6 e 28,4%, respetivamente). Segundo o Governo, em novembro havia 515 pessoas presas por este tipo de crime.

Haver mais denúncias não é sinónimo de que haja mais violência – pode ser um reflexo de mais visibilidade e de mais sensibilização –, mas Elisabete Brasil diz que é “preocupante” que se mantenham “índices de violência constantes na sociedade portuguesa”. Estima-se que os casos partici-

pados sejam apenas 10% do total. A dirigente da UMAR confirma que as mulheres ainda têm muito medo de apresentar queixa – “o medo é algo que caracteriza as relações violentas e que mantém as mulheres cativas”, diz –, pelo que é importante que a decisão da denúncia tenha consequências “em tempo útil e adequado” para o agressor – como garantir o afastamento da vítima –, o que muitas vezes não acontece. As mulheres não se sentem protegidas, diz.

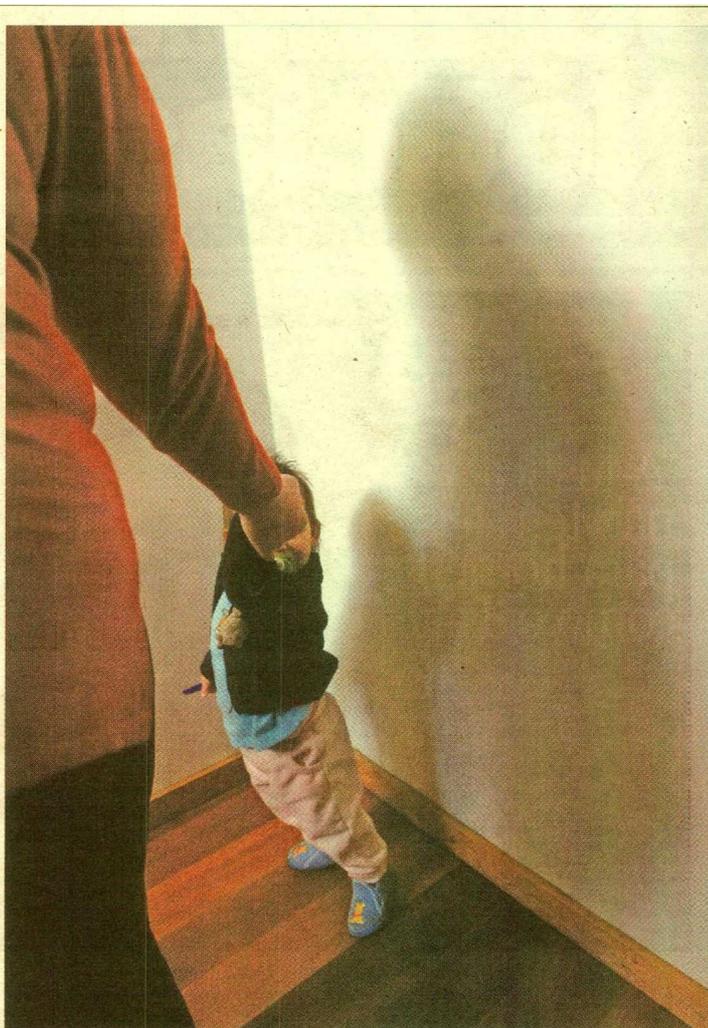
Proteção débil

“Não podemos continuar a insistir num sistema que tem como única proteção a saída das mulheres de casa e a sua ida para casas-abrigos. Em muitas situações fazia mais sentido que fosse o agressor a ser afastado da vítima”, diz, esperando que a nova ficha de avaliação de risco (desde novembro acompanha as queixas-crimes e obriga a uma reavaliação dos casos num prazo curto, se o risco é elevado) venha a potenciar mudanças também no comportamento dos juizes.

A responsável lembra que muitas vezes a denúncia acaba por trazer “um risco aumentado para as mulheres”. “A saída de uma relação violenta, na maior parte das vezes, não acaba com a violência. O agressor continua a perseguir a vítima”, diz, explicando que, este ano, grande parte das mulheres que morreram já tinha saído das relações. Há recados para a justiça: “Precisamos de um sistema que valorize cada situação como situação de risco”. ●

QUANDO A VIOLÊNCIA JÁ NÃO CHOCA NINGUÉM

► Uma simulação realizada por uma organização sueca veio revelar a indiferença das pessoas quando se deparam com uma situação em que uma mulher está a ser vítima de violência física e verbal. A organização sueca STHLM Panda filmou, com recurso a uma câmara oculta, dois casais em elevadores com mais pessoas e divulgou o vídeo em novembro, no Youtube. A dado momento, os casais começam a discutir. Em todos os casos, a discussão vai subindo de tom, com as mulheres a serem vítimas de violência verbal e física. Das 53 pessoas que presenciaram a cena, apenas uma mulher interveio e ameaçou chamar a polícia.



Envio das mulheres para abrigos retirando-as de casa é um sistema a avaliar

Só em Leiria foram abertos 169 casos

“Entre marido e mulher, meta-se a colher”

Mais de uma centena de pessoas, na maioria mulheres, respondeu ontem ao apelo da Associação Mulheres Século XXI e participou numa marcha de sensibilização contra a violência doméstica, em Leiria. Segundo Isabel Gonçalves, da organização, este ano já foram abertos 169 casos (num total de 1515 em sete anos), foram feitos 900 acompanhamentos psicológicos e 47 mulheres foram encaminhadas para casas-abrigos (com 39 crianças). Ali, houve duas mortes e uma tentativa de homicídio por violência doméstica. F.P.



RUI MANUEL FERREIRA / GLOBAL IMAGES



Angelina vive sozinha e passa os dias na fisioterapia por causa dos ferimentos que sofreu

PERFIL //

Angelina Félix
53 anos

SOBREVIVENTE DESDE QUE NASCEU

Angelina é uma sobrevivente desde que nasceu, no Porto. Foi a única que vingou no ventre da mãe, que engravidou mais cinco vezes. Em criança, foi para Valongo dos Azeites com os pais, que eram caseiros e tinham terras. Estudou até ao antigo 5.º ano, em Penedono, tirou a carta de condução. Aos 20 anos, casou com Manuel Baltazar, que perdera os pais e havia ficado sozinho com sete irmãos, alguns menores. Angelina cuidou de todos e, em troca, recebeu maus-tratos do marido. Aguentou tudo, até ao dia em que Baltazar foi de propósito buscar a sogra, para que esta o visse dar duas bofetadas na filha. Angelina saiu de casa e sobreviveu ao tiro do marido.

● **Angelina, baleada pelo ex-marido, vive aterrorizada com ideia de Baltazar ser libertado**

“A JUSTIÇA NÃO TEM LEIS PARA HOMENS COMO O ‘PALITO’”

Sandra Ferreira
polícia@jn.pt

Angelina Félix, ex-mulher de Manuel “Palito”, vive aterrorizada com a ideia de o homem poder sair da cadeia. Fala pela primeira vez do dia em viu morrer a mãe e a tia, e a filha ser ferida com tiros de caçadeira.

Angelina acende a lareira da cozinha, ajeita os cavacos com a tenaz e

senta-se num banco. Aos 53 anos recupera do tiro de caçadeira disparado pelo ex-marido, Manuel Baltazar, de 62 anos, conhecido por “Palito”. Atingiu-a numa perna, desfez-lhe o fémur. Após duas cirurgias, ainda coxeia ligeiramente e fica sem forças quando percorre mais de 100 metros.

A casa onde Angelina vive sozinha, em Valongo dos Azeites, pertenceu à mãe e fica a menos de um quilómetro do local onde, há sete meses, a tragédia fez sair do anonimato

esta pacata aldeia de S. João da Pesqueira. “Estou viva, mas a que preço?”, questiona-se todos os dias.

17 de abril deste ano. Tarde de quinta-feira santa. Angelina, a filha Sónia, de 31 anos, a tia e a mãe confeccionavam bolos para a Páscoa, num forno. Angelina ouviu um estrondo, que nunca julgou serem tiros. Estava a perguntar o que tinha acontecido, mas não concluiu a frase. Foi tudo muito rápido. Tentou agarrar a tia que foi em sua direção e, ao mesmo tempo, olhou para a

própria perna. “Eu só pensei: mas o que se passou aqui, que tenho a perna desfeita?”. Levantou a cabeça, viu o ex-marido com uma caçadeira. Lembra-se de ouvir a filha agarrada ao pai, a gritar, tentando impedi-lo. A mãe já havia sido

morta. “Não houve uma troca de palavras entre mim e ele”, diz Angelina. Palito fugiu (ler texto ao lado). “O que mais me custou foi ver a minha tia sem vida, caída aos meus pés”, conta, sem segurar as lágrimas, que seca depois de afastar os óculos.

“Tratava-me como escrava”

Cinco anos antes, Angelina pôs fim ao casamento. “Palito” trabalhava quando lhe apetecia, e ela, de manhã à noite, em casa e no campo. “Tratava-me como escrava, humilhava-me”, recorda. A paz, encontrava-a a fazer caminhadas e a saltar e a correr com as crianças. Está consciente de que “essa vida acabou”. Agora, passa os dias a fazer fisioterapia. À noite, chora no silêncio. “Não tenho o essencial, a saúde, nem ilusões na vida”, diz, interrompida pelo som da campainha.

Angelina desce as escadas e regressa em poucos minutos. “Estão a ver?”, diz a sorrir, abrindo um saco atestado de morcelas que uma vizinha lhe acaba de lhe dar. “Aqui, ninguém me deixa faltar nada”.

Os filhos, a viverem na Régua, estão atentos, mas a mãe faz questão de os manter afastados da história, tanto quanto possível, como sempre fez. “Mostrei o pai que não ti-

nam”. Tanto quanto sabe, Baltazar não tentou desculpar-se perante a filha.

Medindo as palavras, descreve o ex-marido como um homem “maquiavélico, inteligente, que sabe manipular tudo e todos”. “Eu tenho muito medo dele e vivo aterrorizada com o que ainda pode fazer. Não a mim, mas a quem me rodeia”, diz, convencida de que, há sete meses, a intenção de “Palito” era tirar a vida às quatro. “À minha tia, porque me defendia sempre. À minha mãe, porque deixou de lhe dar dinheiro e, dividida, não me conseguia convencer a voltar para casa. E à minha filha, porque estava do meu lado. Eu? Porque me recusava a voltar para ele”, afirma.

Angelina foi uma espécie de impulsionaladora do divórcio em Valongo dos Azeites. “Quando me separei, outras mulheres seguiram-me o exemplo. Só que voltaram todas para os maridos. Todas menos eu”, sublinha. “Ele (“Palito”) é muito orgulhoso e eu também teria de voltar. A bem ou a mal”, diz, inquietada. “A Justiça não tem leis para homens como ele, que sabe como enganar todos. Mesmo que apanhe 25 anos de cadeia, quando sair, vem acabar o que começou”, acredita. ●

“MESMO QUE APANHE 25 ANOS, QUANDO SAIR VEM ACABAR O QUE COMEÇOU”

Saiu de casa e esteve oito meses refugiada na APAV

HÁ QUASE seis anos, Angelina Félix separou-se de Manuel Baltazar. Disse à mãe que ia acabar com a relação e trabalhar, mas não disse para onde. Foi nessa altura que esteve refugiada oito meses na Associação de Apoio à Vítima (APAV), em Vila Real. Depois, manteve-se por esta cidade, onde arranjou um emprego a fazer limpezas e alugou uma casa. “Palito” descobriu-a, quando foi para assinar os papéis do divórcio e começaram as perseguições e as inúmeras queixas às autoridades policiais apresentadas pela mulher.

Em setembro do ano passado, quando o marido, Manuel Baltazar, por ordem judicial, já estava obrigado a manter-se a uma distância mínima de 400 metros da ex-mulher, apanhou-a no cemitério de Valongo dos Azeites. Ali, quis obrigá-la a voltar para casa, sob a ameaça de uma foíce. Angelina conseguiu enganá-lo, dizendo-lhe que ia com ele. Mas como seguiam em carros diferentes, a vítima parou num café, onde se refugiou e chamou a GNR.

Desde então, Manuel Baltazar passou a ser vigiado por pulseira eletrónica, que cortou no dia em que ocorreram os crimes. ●

ANGELINA FUGIU PARA VILA REAL, MAS ELE DESCOBRIU-A E COMEÇOU A PERSEGUI-LA

VÍTIMAS DE “PALITO” MORTAS A TIRO

Elisa Barros
/65 anos
Tia de Angelina Félix, havia regressado de França há cerca de um ano, onde estivera emigrada. Era uma das principais defensoras da ex-mulher de Palito.



Lina Silva
/86 anos
A mãe de Angelina Félix simpatizava com “Palito” e estava dividida. Não queria que a filha se divorciasse, mas também não a queria ver infeliz.



Conseguiu fugir durante 34 dias



“Palito” foi preso após andar um mês no mato

DEPOIS de ter cometido os homicídios, a 17 de abril do ano passado, Manuel Baltazar fugiu para os montes e só foi capturado 34 dias depois.

Durante mais de um mês, a GNR e a Polícia Judiciária bateram a zona, envolvendo mais de 200 homens e cavalos, distribuídos por várias zonas de mato e pinhal, de propriedades agrícolas dos concelhos de S. João da Pesqueira e Penedono, num autêntico jogo do gato e do rato. Caçador experiente, Baltazar foi avistado várias vezes, nomeadamente pelo padeiro da zona, com quem falou, mas voltava a desaparecer sem deixar rasto.

Manuel Baltazar foi capturado a 21 de maio, quando voltou a casa, em Trevões, onde a polícia havia montado, desde o primeiro dia de fuga, vigilância eletrónica.

Após ter sido ouvido no Tribunal de S. João da Pesqueira, saiu acusado de dois crimes de homicídio qualificado e outros dois na forma tentada. Está preso no estabelecimento prisional de Vila Real. Ainda não tem julgamento marcado. ●

OUTROS CASOS



Morta à pancada e abandonada em pinhal
uma mulher, de 34 anos, foi encontrada morta, na passada terça-feira, num pinhal frequentado por prostitutas, em Barosa, Leiria. Elsa foi espancada e abandonada ao carro. A PJ suspeita tratar-se de um crime cometido em contexto de violência doméstica.



Mata mulher em casa e suicida-se no carro
Maria da Conceição Oliveira, 46 anos, foi encontrada morta e amarrada na cama, na mesma terça-feira, dia 2, na casa onde vivia, na Póvoa de Varzim. O companheiro, único suspeito, foi visto a sair do local num carro e suicidou-se, horas depois, em Braga.



Assassinada pelo cunhado ao defender irmã
Maria Etelvina, de 35 anos, foi esfaqueada pelo cunhado, em Nevogilde, Lousada, no final do mês passado, quando estava a defender a irmã, vítima de violência doméstica. O indivíduo acabou por se entregar à GNR e está em preventiva.